

AS ARTES CÊNICAS NO TRATAMENTO TERAPÊUTICO: POTENCIALIDADES PEDAGÓGICAS DO TEATRO COMO PERCURSO PARA A EMANCIPAÇÃO SOCIAL DOS USUÁRIOS DO CAPS DE POÇÕES-BA.

Gérsica Santos Cunha

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Larissa Macieis de Jesus

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Luana Oliveira Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Brenda Luara dos Santos de Souza

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: O presente artigo tem com objetivo principal demonstrar a importância das artes cênicas como função pedagógica e instrumento terapêutico para reabilitação psicossocial dos usuários do CAPS (Centros de Atenção Psicossocial), o mesmo trará discussões importantes relacionadas ao processo histórico, retrocessos e avanços do movimento para emancipação dos usuários do CAPS durante os anos. Este estudo foi concluído por meio de uma pesquisa exploratória de campo, na qual busca primeiramente, por meio de autores que debatem sobre o tema, discutir sobre os aspectos citados. E para entender esses pontos a partir da realidade, foram feitas visitas e entrevistas a profissionais e usuários dos CAPS da cidade de Poções-BA, contribuindo assim para melhor discussão do assunto presente. A partir dessa discussão teórica e da observação prática, percebemos que as artes cênicas, principalmente o teatro, faz com que essas pessoas construam novamente a sua própria estética, já que proporciona atividades que promovem a interação, socialização e autoconhecimento. Percebemos também que o teatro é um instrumento positivo para esses usuários, mas que deve ser atrelado a todo processo terapêutico, o que depende de outras atividades estruturadas, de profissionais capacitados e do envolvimento da família. Materializando-se assim como uma prática pedagógica de emancipação social fundamental no processo terapêutico junto à um conscientiza-se de si.

Palavras-chave: Artes Cênicas. Estética Educacional. Saúde Mental.

Introdução

“A obra de arte é uma forma coerente de organização do nosso mundo incoerente” Augusto de Boal

Nos dias atuais, com a ascensão da ONU, Direitos Humanos, etc., é possível identificar certa valorização da vida, ou pelo menos uma tentativa desta. É notável, porém, que nem sempre foi dessa maneira, ou que nem sempre houve essa intenção, muitas vidas e muitos povos foram, e muitos ainda estão sendo, descartados, invisibilizados e até mesmo executados sem nenhum

tipo de comoção social. E o porquê de algumas vidas serem tratadas com mais valor do que outras é um questionamento que se faz urgente, e é fundamental entender seus aspectos sociais e históricos para que se pense em maneiras de não repetir os mesmos erros. No livro *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua*, Giorgio Agamben levanta esta questão.

De modo geral, *Homo sacer* é a figura que designa aquele que foi julgado e condenado por um delito, porém, não da maneira como conhecemos. Esses indivíduos eram condenados a não participar mais juridicamente e politicamente da sociedade da qual faziam parte, ele seria condenado a não ser mais um cidadão de direito. Em outras palavras, este sujeito era jogado para a margem da sociedade, de modo que agora estará numa situação peculiar; ao mesmo tempo em que não poderia ser sacrificado, quem o matasse não seria condenado por homicídio, pois agora ele é apenas alguém que existe e ocupa um espaço, mas que se não existir e não ocupar espaço, não fará falta.

Agamben (2007) utiliza essa expressão, “vida nua”, pois se trata de uma vida desprovida de direitos e que não conta com a proteção de um ordenamento jurídico. Estes indivíduos eram despojados de seus direitos de tal modo, que contra eles se poderia cometer qualquer ato. Segundo o autor, na era moderna, este indivíduo passa a fazer parte sociedade, mas não exatamente para ser “protegido”, ele entra no cálculo do poder para, por exemplo, ser deixado para morrer; “O aspecto normativo do direito pode ser, assim, impunemente eliminado e contestado por uma violência governamental que, ao ignorar no âmbito externo o direito internacional e produzir no âmbito interno um estado de exceção permanente (2007, p. 131)”. No Estado moderno podemos associar estas pessoas àquelas que vivem em situação de rua; são vidas humanas como todas as outras, mas sem os requisitos necessários para serem tratadas com o mínimo de dignidade. Os povos Indígenas também entraram neste cálculo do poder, nesse caso não para serem deixados para morrer, eles enfrentaram uma verdadeira situação de genocídio, ordenado pelo poder e com grande aceitação popular, por serem considerados como não humanos, aculturados, inferiores, e essa visão sobre sua comunidade fez com que seus povos fossem dizimados.

Os exemplos históricos de atos parecidos como estes são numerosos e aterrorizantes. Por isso, o autor chama atenção para o fato de que se tornar um *homo sacer* nos tempos modernos é muito fácil; basta fugirmos a norma, basta não cumprirmos os requisitos básicos que nossa sociedade brasileira exige; ou pior, basta que alguém que exerça algum tipo de poder, nem que seja o físico, o faça, simplesmente por acreditar que a vida diante dele não tem valor;

uma mulher pode se tornar uma homo sacer quando ao andar pelas ruas, for atravessada por alguém que, a julgando como vida sem importância, a sequestre, viole e mate.

Ter um Estado que pense na valorização da vida independente de sua classe, status ou cidadania é fundamental para uma sociedade mais justa, igualitária e inclusiva. E este é um processo profundamente ligado à Educação. Já podemos notar algumas mudanças positivas em nossa sociedade, ela avançou quando saiu, por exemplo, da perspectiva invisibilizadora e excludente dos manicômios para os Centros de Atendimento Psicossocial (CAPS). Este será o objeto de pesquisa deste artigo, não apenas por se tratar de uma Instituição que acolhe o sujeito em situação de sofrimento psíquico, mas que busca através da Educação, promover uma postura metacognitiva do sujeito, sua conscientização e emancipação, de modo a provocar uma mudança estrutural da sociedade, fazendo com que saiam dessa posição de “mera vida”, de “vida nua”, e possam atuar como cidadãos de direitos.

O artigo pretende também elucidar e compreender a importância da função pedagógica das artes cênicas no tratamento terapêutico e sua importância não só no processo do autoconhecimento, da conscientização e da emancipação dos usuários do CAPS, mas, sobretudo como o teatro pode ser usado como ferramenta de estímulo a saúde mental, para Augusto Boal, “(...) saúde mental é a capacidade que tem cada um de nós de transformar em ato - ato analisar - as potencialidades do seu corpo e sua mente. Ser capaz de levar limites máximos às atividades corporais e psíquicas.” (p. 217). Destarte,

Penso que a arte teatral pode ajudar no tratamento mental se o diretor compreender que o usuário não é um rascunho de ser humano que precisa ser corrigido pelo professor, mas alguém com suas idiossincrasias específicas, que o tornam inadaptado e infeliz no seu meio social. (...) Todo o nosso trabalho consiste em ajudar para que o usuário se transforme em sujeito ativo e criador, e não em objeto, é mais em sujeito (BOAL, 2004, p. 227).

Segundo este autor, a Cultura, a Educação e a Pedagogia dialogam e produzem como resultado a ativação do que ele chama de "neurônios estéticos", que são aqueles capazes de processar ideias abstratas e noções concretas. (BOAL, 2004, p. 247). Nesse sentido uma verdadeira educação Pedagógica deve contribuir para uma verdadeira cultura brasileira que inclua todas as formas estéticas de percepção da realidade. “Sejamos sofistas para destruir o pensamento único, Socráticos para determinar novos e necessários valores”. (BOAL, 2004, p. 127)

Para se alcançar tal objetivo, foi levantado um breve referencial teórico, que servirá de base para que se compreenda a visão de alguns autores sobre o tema e para um breve esclarecimento sobre o que se espera que aconteça na prática da Instituição. Desse modo, é fundamental também que se compreenda como as pessoas envolvidas neste processo (profissionais de saúde, usuários, família, funcionários, etc) percebem a oficina de teatro frente à inclusão social dos usuários do CAPS da cidade, e para uma compreensão global do tema, se faz necessário o entendimento dos atravessamentos históricos da institucionalização da loucura até a chegada do CAPS em sua proposta inclusiva. Nesse contexto, percebemos como necessário uma análise do discurso dos profissionais do CAPS a respeito da relação do usuário com a instituição e por fim, compreender o nível de significação do teatro na vida dos usuários.

Discussão

Para adentrar neste tema é necessário que se compreenda o histórico de tratamento das pessoas com transtorno mental, Fonseca (2011) citando Belmonte *et. al*, afirma que na Europa iniciaram a “limpeza” das cidades, ou seja, os excluídos socialmente eram postos em estabelecimentos de internação que não tinham necessariamente a intenção de tratá-los, mas separá-los da sociedade. O hospital-manicômico se organizava como um operador terapêutico de adestramento e como um aparelho de vigilância. No contexto das instituições disciplinares, inclui-se na produção de uma maquinaria de controle do comportamento, um aparelho de observação, registro e treinamento. A disciplina produzindo corpos submissos e exercitados, corpos dóceis (FOUCAULT, 1977, p. 127).

Segundo o Ministério da Saúde, no documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde (2005), a reforma psiquiátrica teve início em 1978, com o Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM) pelos direitos dos pacientes psiquiátricos no Brasil. Esse movimento denunciava à violência dos manicômios, a mercantilização da loucura, a hegemonia de uma rede privada de assistência e construíram coletivamente uma crítica ao chamado saber psiquiátrico e ao modelo hospitalocêntrico na assistência às pessoas com transtornos mentais. Ainda segundo o Ministério da Saúde (2005) este período foi extremamente importante, pois foi criado o primeiro CAPS no Brasil, na cidade de São Paulo, em 1987, proporcionando a construção de uma rede de cuidados efetivamente substitutiva ao hospital psiquiátrico. Segundo Silva e Góis (2019) a Reforma Psiquiátrica

Brasileira (RPB) mobilizou um importante debate em torno do resgate da cidadania desses usuários e da transformação e superação da estrutura asilar (*apud* BAPTISTA E SIMON, 2011).

Segundo Azevedo e Miranda (2011) estes novos serviços de saúde mental propuseram ações e atividades na perspectiva e dimensão comunitárias, com a finalidade de reumanizar a teia social através de uma equipe multidisciplinar (equipe técnica). Dessa forma, segundo Ribeiro et al (2008) o CAPS é definido como dispositivos comunitários e regionalizados que oportunizam assistência de alcance intersetorial e reabilitação psicossocial pelo acesso ao trabalho, lazer, educação, cultura, exercício dos direitos civis e fortalecimento dos laços familiares e comunitários aos sujeitos em sofrimento mental que, de acordo com Silva (2015), baseando-se no Ministério da Saúde (2004), os CAPS devem contar com uma equipe multiprofissional formada por psiquiatras, psicólogos, assistentes sociais, pedagogos, enfermeiros, terapeutas ocupacionais, entre outros.

Ao conhecer o trabalho do CAPS na cidade de Poções-BA, que prima por oficinas em artes cênicas como mecanismo para o tratamento terapêutico, surge a curiosidade em acompanhar este trabalho mais de perto. Num primeiro momento, para uma melhor familiarização com o local, houve uma conversa informal com a coordenadora Nise¹, (nome fictício) em que ela explica como funciona o Centro, como são operados os tratamentos terapêuticos, e como as oficinas contribuem na qualidade de vida dos usuários, promovendo uma melhora na autoestima, nas habilidades interacionais e também nos seus respectivos quadros clínicos.

Este artigo terá como foco os tratamentos alternativos, em especial, o teatro, pois, de acordo com Colaço e Coutinho (2017), a contribuição da arte nos espaços de tratamento em saúde mental vem no sentido de enfrentar os processos de homogeneização das diferenças, ampliando possibilidades de criação e experimentação, permitindo que justamente as diferenças sejam causas para um movimento de trazer à tona a singularidade e a afirmação desses sujeitos. E ainda segundo os autores, há uma possibilidade de diálogo e integração social que institui uma nova ordem ou no sentido no auxílio da saúde dos usuários, visto que, muitas vezes estas habilidades podem estar comprometidas, fazendo com que tenham problemas de convívio, não consigam expressar seus desejos, seus medos e suas opiniões. O que nos remete a ampla pedagogia freiriana

¹ Em homenagem a Nise da Silveira, grande defensora da Reforma psiquiátrica no Brasil e com vista a garantia do sigilo oficial para a pesquisa científica.

Expressar-se, expressando o mundo, implica o comunicar-se. A partir da intersubjetividade originária, poderíamos dizer que a palavra, mais que instrumento, é origem da comunicação – a palavra é essencialmente diálogo. A palavra abre a consciência para o mundo comum das consciências. (...) o homem só se expressa convenientemente quando colabora com todos na construção do mundo comum – só se humaniza no processo dialógico de humanização do abundo. A palavra, porque lugar do encontro e do reconhecimento das consciências, também o é do reencontro e do reconhecimento de si mesmo (FREIRE, 1987, p. 12-13).

O teatro proporciona esse momento tanto de interação como também de expressão, e mais além; no teatro eles têm a oportunidade de passar pelo processo criativo e crítico que os permita ter visibilidade e contribua para o processo de desalienação social. Vale enfatizar, sobretudo, que é do entendimento das autoras deste artigo, a importância não só do teatro, mas de todas as oficinas terapêuticas desenvolvidas pela Instituição, que trabalham em conjunto nesse processo de desenvolvimento da autonomia, de estímulo corporal, de memorização, de improvisação livre, de expressão e de autoconhecimento. É importante notar que o desenvolvimento psicossocial exerce grande influência no funcionamento cognitivo e físico e sem conexões sociais significativas, a saúde física e mental poderá ter problemas. A motivação e a autoconfiança são fatores importantes para o sucesso, enquanto emoções negativas, como a ansiedade, podem prejudicar o desempenho. Oliveira (1995) interpretando Vygotsky, afirma que o aprendizado é um aspecto necessário para o desenvolvimento das funções psicológicas, as quais são organizadas pela cultura e, assim, caracterizam-se como especificamente humanas. A Pedagogia, nesse sentido, aparece como fundamental, segundo Santos e Santos (2017) a formação desse homem cabe também a instituições educativas que visem à emancipação e a promoção plena dos indivíduos. Para Pestalozzi, a educação deve se satisfazer em realizar um tipo de homem definido fora de si mesma, e por isso ele se nega que funcione como um mero instrumento de modelagem a serviço de um mundo dado seja real ou ideal: ela será uma forma de ação que permita a cada um fazer-se a si mesmo, a partir do que ele é e no sentido do que deseja ser, uma obra de si mesmo. (SOETARD *apud* PESTALOZZI, 2010).

Por isso, segundo Rogalski *apud* Barreto *et al* (2010), o processo de ensino-aprendizagem se dá em diferentes espaços nos quais a atuação do educador se faz indispensável, sendo fundamental também o olhar do Pedagogo no CAPS, pois, a educação é responsável pela socialização, que é a possibilidade de uma pessoa conviver com qualidade na sociedade, tendo,

portanto, um caráter cultural acentuado, viabilizando a integração do indivíduo com o meio (*apud* ROGALSKI, 2010). Em outras palavras, é o aprendizado junto ao contato do indivíduo com um ambiente cultural que possibilitará que aconteçam os processos psicológicos internos fundamentais para o seu desenvolvimento. Esses processos de desenvolvimento intelectual ocorrem durante toda a vida, por isso a relevância da prática pedagógica nas ações de inclusão/garantias de autonomia/defesa de direitos/humanização. Segundo Paulo Freire, (1987, p. 19) é necessário reconhecer a desumanização como realidade histórica, e sua prática pedagógica se fundamentava na crença de que ao fazer uma prática dialética com a realidade, o educando faria ele próprio o seu caminho, libertando-se de chavões alienantes e seguindo rumo ao seu próprio aprendizado.

Método

A metodologia utilizada teve objetivo exploratório, definida por Gerhardt e Silveira (2009) como um tipo de pesquisa que procura se familiarizar com o tema abordado e torná-lo mais explícito ao entrevistar pessoas que atuam frente ao tema abordado, assim, para isso, foi feito primeiramente uma explanação do tema baseado em autores e informações da instituição que fomentam a discussão do assunto.

Posteriormente, para coleta de dados, foi feita uma visita ao CAPS de Poções- BA, em que a coordenadora nos apresentou a instituição e, de modo geral, como aconteciam as atividades terapêuticas do local, as características dos usuários e também quais dificuldades eles enfrentam no dia a dia. Entrevistamos também aicineira de teatro, que aqui será chamada de Clarisse², com perguntas centradas em seu trabalho de teatro e a relação dela com os usuários que participam da oficina. Mesmo com os atravessamentos provenientes da pandemia³, um dos usuários também foi entrevistado, este, participa ativamente de todas as oficinas promovidas pela CAPS. Após a coleta de dados e do trabalho de observação, foi feita uma análise e discussão dos resultados obtidos, baseando-se em autores que se relacionam com o tema.

² Em homenagem à escritora Clarice Lispector, para a preservação de identidade, conferindo o sigilo necessário à pesquisa científica .

³ A esta entrevista com o usuário foi conduzida no período inicial da pandemia de COVID-19 em 2020, e nesta conversa se respeitou todos os protocolos de saúde indicados pela OMS)

Junto a isso, somamos as vozes registradas no livro *Lembrem-se de nós* (BAHIA, 2017), lançado pelo CAPS da cidade de Poções em outubro de 2017, no qual é contada a história de alguns dos usuários da cidade, a partir da narrativa de um grupo de escritores que conviveu com essas pessoas por aproximadamente um ano, ouvindo suas histórias e conversando com seus familiares.

Resultados e Discussão

Segundo a coordenadora Nise, o CAPS atende em torno de 2.000 mil usuários, sendo dividido em três categorias: Intensivo, semi-intensivo e não intensivo. Essa divisão de atendimento é feita para que a forma de atendimento seja facilitada. Os que estão classificados como não intensivos ou semi-intensivos, recebem atendimentos algumas vezes na semana ou no mês, com os profissionais correspondentes a suas necessidades, sendo que este atendimento acontece na maioria das vezes em outra instituição, como na Policlínica da cidade, que conta com os mesmos profissionais da saúde, mas de uma forma menos intensiva.

Ainda de acordo com a coordenadora, o CAPS é uma unidade pública especializada em saúde mental para pessoas que possuem transtornos graves, e que visa tanto à garantia do tratamento por meio de medicamentos passados pelo médico da instituição, quanto de atividades terapêuticas a partir de oficinas como de música, dança, teatro, pintura, etc, e o paciente tem autonomia para escolher. Nise conta que a rotina deles é composta por atividades físicas, atividades reflexivas em datas comemorativas e acontecimentos da atualidade, passeios, viagens e visitas de usuários de instituições de outras cidades.

Todas essas atividades têm o objetivo de auxiliar no desenvolvimento do raciocínio, coordenação motora, equilíbrio, agilidade, entre outras habilidades que muitas vezes se comprometem por conta da alta dose de medicação. Essa rotina envolve um contexto de busca de si, onde suas potencialidades não devem ser reduzidas ao caráter bio do processo. Os profissionais da unidade se preocupam em oferecer um tratamento leve e também promover a interação não só entre eles mesmos, mas também com toda a comunidade.

Segundo a coordenadora, uma das principais dificuldades enfrentadas pela equipe e pelos usuários, é lidar diariamente com uma visão preconceituosa e pessimista sobre o tratamento terapêutico. Outra grande barreira é o descaso da família de alguns usuários, que muitas vezes não compreendem bem o seu papel na evolução do tratamento. Nise enfatiza o

quanto este descaso é frustrante, por ter um efeito paralisador no tratamento, fazendo com que o usuário permaneça estagnado em seu processo, dificultando a sua saída de uma perspectiva invisibilizadora e excludente, que o desumaniza e o faz permanecer, como disse Agamben, num permanente estado de exceção (2007, p. 131) . O que nos leva a defender a necessidade de que é

Só através da contracomunicação, da contracultura-de-massas, do contra dogmatismo, só a favor do diálogo, da criatividade e da liberdade de produção e transmissão da arte, de pleno e livre exercício das suas formas humanas de pensar, só assim será possível a liberação consciente e solidária dos oprimidos e a criação de uma sociedade democrática - no seu sentido etimológico, pois, historicamente, a democracia jamais existiu. (BOAL, 2004, p. 19)

Ariano⁴ conta que participa ativamente da Instituição desde meados de 2000, entrando em um primeiro momento no tratamento intensivo. Ele chega a Instituição sofrendo com um surto psicótico, sem consciência e com perda de memória. Através da ajuda psicológica, psiquiátrica e da arteterapia, Ariano diz; “encontrei um caminho de volta para mim mesmo”. Hoje em dia ele não apenas atua no teatro, como produz arte, ele é artesão e cenógrafo. A partir das práticas pedagógicas propostas no CAPS, que visam a construção de um sujeito autônomo que, segundo Freire, é fundamental para a auto-organização e encontro de um caminho para a autonomia, ele hoje consegue atuar no mercado de trabalho vendendo o que produz, demonstrando uma autonomia tanto enquanto usuário do CAPS quanto sujeito autônomo.

Sobre a relação da arte com o tratamento dos usuários, Clarisse, oficina de teatro, conta que todas as artes auxiliam no processo terapêutico, sendo o CAPS não apenas o lugar de buscar seus medicamentos, mas um ambiente de lazer que faz com que elas esqueçam, pelo menos naquele momento de distração, os problemas enfrentados no dia a dia. Quando essa reinserção, ela tece

A inserção social é complicada, porque não depende apenas do CAPS e da família, depende também da aceitação social, o CAPS faz várias campanhas, têm o janeiro branco, eles são muito fortes no setembro amarelo também, várias outras campanhas ao longo do ano, não me recordo do nome agora, mas que trabalham justamente essa inserção. Mas a sociedade ainda tem aquela clássica visão de que a pessoa que tem uma vulnerabilidade mental, que tem um transtorno, que é um doido, e usa esse doido para assustar as crianças, enquanto isso não mudar, essa mentalidade tacanha,

⁴ Um dos atores e usuário do CAPS de Poções - Ba. O nome escolhido é homenagem a Ariano Suassuna, dramaturgo, romancista, ensaísta, poeta, professor e advogado brasileiro.

infelizmente essas pessoas vão ficar reféns do preconceito social, e esse preconceito dificulta a reinserção, dificulta até o próprio tratamento, porque essas pessoas não conseguem mais se enxergar como indivíduos na sociedade [...]essas pessoas não precisam de manicômios, elas precisam de alguém que olhe para elas e reconheçam que elas tem uma doença. Uma doença como diabetes, como uma hipertensão (CLARISSE, oficinaira)

Sua defesa da humanização dos usuários de saúde mental nos convida a retomar a narrativa de Angaben; “É como se toda valorização e toda ‘politização’ da vida (como está implícita, no fundo, na soberania do indivíduo sobre a sua própria existência) implicasse necessariamente uma nova decisão sobre o limiar além do qual a vida cessa de ser politicamente relevante.” (2007. p. 146). Somado a isso, apreendemos as demandas que envolvem a relevância de que estes serviços de saúde mental se impliquem em ações e atividades na perspectiva e dimensão comunitárias, com a finalidade de reumanizar a teia social através de uma equipe multidisciplinar, todavia, muitas destas barreiras sociais ainda precisam ser superadas (AZEVEDO e MIRANDA, 2011). Assim como os demais entrevistados, Ariano aponta como a participação da família é importante nesse processo e reconhece que eles também precisam de tratamento para lidar com as novas situações e modos de vida que estão mudando diante de seus olhos. Quando perguntado sobre qual oficina ele considera mais importante em seu tratamento, ele cita o teatro e o artesanato. Ele comenta que de início teve medo de participar do teatro, pois não sabe ler, mas quando Clarisse oportunizou trabalhar com ele as falas de maneira oral, ele percebeu que ele poderia sim participar como qualquer outro usuário. O artesanato para ele foi fundamental, ajudando-o na concentração e no foco, que estava comprometida devido a esquizofrenia.

Frente a isso, julgamos relevante observar que em nenhum momento das conversas o teatro aparece sozinho, como protagonista uno, ele aparece como um dos tratamentos terapêuticos oferecidos pela instituição e que trabalha em conjunto tanto com as outras oficinas de artes em geral como com os outros profissionais. Nas palavras de Clarice, “a arte em todas as suas formas, não só teatro, mas a música, a dança, o artesanato, a pintura, o desenho, todos tem uma função fundamental em reabilitação”. Nota-se assim, a relevância da prática pedagógica nesse processo, que está relacionada a emancipação do sujeito e a possibilidade de ele se autoconfigurar responsavelmente, e assumir, como já mencionado neste artigo, uma postura metacognitiva, que diz respeito entre outras coisas, a regulação e organização dos

próprios processos cognitivos. As metacognições⁵ podem ser consideradas cognições de segunda ordem: pensamentos sobre pensamentos, conhecimentos sobre conhecimentos, reflexões sobre ações. Segundo Freire, só assim este sujeito encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica, pois “isto implica no reconhecimento crítico, na ‘razão’ desta situação, para que, através de uma ação transformadora que incida sobre ela, se instaure uma outra, que possibilite aquela busca do ser mais.” (1987, p. 22)

Outros elos narrativos: entre a memória e a arte do encontro

Lembre-se de nós é, essencialmente, um convite à memória. Nele é mostrada a face nua, a realidade de quem sofre na pele por ter um problema de saúde que na grande maioria das vezes é compreendida de uma maneira equivocada. Muitos relatos em que a situação de sofrimento psíquico se agrava ao ponto de quase se tornar irreversível por conta de intervenções familiares, que por falta de informação, acreditaram se tratar de problemas espirituais. Histórias de pessoas que sentiram na pele o que é perder tudo, não apenas bens materiais, mas a própria identidade, a dignidade e a humanidade.

Neste livro é mostrado ainda, o processo de recuperação terapêutico, que nem sempre funciona, devido a diversos fatores e atravessamentos, vários usuários regridem em seu tratamento, caem no alcoolismo, vão morar na rua, a família abandona, perdem o apoio total das pessoas próximas, deixando o CAPS de mãos atadas, assim como também mostra as histórias de quem consegue dar a volta por cima, como Ariano, que foi estimulado a retomar a sua voz, a expressar as suas ideias, encontrando um espaço que respeita seu modo de ser e que o incentiva na busca de sua própria autonomia. Como diria Freire: “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.” (1987, p. 66).

Nos relatos também há a concordância no que diz respeito a todo o tratamento ser fundamental, tanto os medicamentos, quanto o acompanhamento psicológico e psiquiátrico, as

⁵ A **metacognição** foi definida por John Flavell (Stanford University) nos anos 1970, e utilizada por Sônia Maria Coelho, citando Vigotski, no capítulo; “A alfabetização na perspectiva histórico-cultural”. (2011. P. 59) do livro “Conteúdo e Didática de alfabetização - Unesp”.

atividades físicas, o cuidado com a horta, a arteterapia, a atividade física. E dentre estes, a arteterapia terá papel fundamental no trabalho da autoestima dos usuários, pois a partir dela, segundo narra o *Lembre-se de nós*, os usuários descobrem novas habilidades, uns se tornaram poetas, outros quiseram aprender a ler e escrever, outros quiseram procurar emprego e se inserir novamente no mercado de trabalho, outros se tornaram atores, músicos. O que retoma a defesa vygotskyana quanto ao aprendizado como um aspecto humanamente necessário para o desenvolvimento das funções psicológicas, que possibilita uma convivência com qualidade na sociedade, tendo, portanto, um caráter cultural acentuado, viabilizando a integração do indivíduo com o meio. Em outras palavras, foi por meio da arte o reencontro com o *eu*; é por meio da arte que eles perceberam que podem, que são capazes e que estão vivos.

Considerações finais

“lamentável não é não saber ler e escrever, mais lamentável é o fato de que também não saibam falar, ver, nem ouvir. Esta é igual, ou pior forma de analfabetismo: a cega e muda surdez estética. Se aquela proíbe a leitura e a escritura, está aliena o indivíduo da produção de sua arte e da sua cultura” Augusto Boal

Em nossas visitas ao CAPS de Poções conhecemos sujeitos concretos, ativos, conhecedores e criativos. Ainda mais após contemplarmos uma peça protagonizada pelos usuários que estreou na cidade, vindo a ganhar o prêmio de melhor peça do Festival⁶, onde brilharam no palco contando a trágica história do manicômio Barbacena⁷. De maneira poética, provocaram intensas catarses no público com falas criadas, readaptadas ou reinterpretadas conjuntamente com Clarisse, como essa⁸

Eu fiquei invisível depois que eu parti naquele trem, eu vi meus pais aqui duas vezes, eu gritava pulava, e acenava, mas eles não me viam, aquele trem é amaldiçoado, e quem viaja nele fica invisível, mas a um lado bom de ser invisível, você entende muitas coisas, entende a solidão entende a indiferença, entende até a morte, a morte é caprichosa e pior que seja ela, ela sempre espera o último ato.

⁶ Festival de Teatro que ocorre anualmente na cidade em que grupos de teatro de diversos lugares da região podem inscrever seus grupos de teatro para participar e concorrer a prêmios.

⁷ O **Hospital Colônia de Barbacena** foi um hospital psiquiátrico fundado em 12 de outubro de 1903 na cidade de Barbacena, Minas Gerais. Tornou-se conhecido pelo público na década de 1980, pelo tratamento desumano que oferecia aos pacientes.

⁸ Essa fala foi reinterpretada pelo ator e apresentada em forma de música.

Eles falam sobre a dor, falam sobre as dificuldades no tratamento, sobre como é difícil o processo de aceitação, e compreendem que para emancipar-se, este confronto é necessário, *para a libertação da consciência opressora vivendo dentro da consciência oprimida* (FREIRE, 1987, p. 164). Nas palavras de Clarice a respeito do seu trabalho com o teatro, ela diz:

O teatro é poderoso, muito poderoso, o teatro faz o indivíduo, se perceber enquanto pessoa, perceber o que está em torno dele, experimentar sensações, sem medo, as emoções sem medo, ele consegue trabalhar as emoções a partir da memória, ele consegue trabalhar as emoções a partir do espaço em que ele se encontra, então o teatro é poderoso, [...] ele realmente tem essa magia, de te trazer para dentro, que te faz olhar uma coisa em você, em como você se mexe, como você se percebe no mundo, como o mundo te percebe, você consegue ter um olhar muito diferenciado para tudo quando você faz teatro. (CLARISSE, oficinaira)

Desse modo, percebe-se que o teatro é sim transformador e que também dá voz ao oprimido, fazendo com que essas pessoas construam novamente a sua própria estética. É necessário reconhecer também que todo este processo de autoconhecimento não seria possível apenas com o teatro, é preciso enfatizar que todo o processo terapêutico é importante, a arte de modo geral, as oficinas, as hortas, as atividades físicas, o uso correto dos medicamentos, o atendimento psicológico e psiquiátrico, não apenas para o usuário, mas para a sua família, cuja participação é fundamental. E é fundamental compreender que nada disso será suficiente, se não houver também por parte da sociedade, um rompimento com essa visão capacitista que infelizmente ainda habita no imaginário popular de grande parte da sociedade no que diz respeito às pessoas com sofrimento psíquico, é necessário, nas palavras de Boal, “combater tudo que nos leve a subserviência e a passiva aceitação da opressão, em todas as culturas”. (2004, p. 38)

Contudo, este trabalho foi fundamental para o nosso aprofundamento no tema, visto que permitiu uma melhor compreensão acerca dos seus processos sociais e históricos. Passamos a compreender o teatro como instrumento potencializador das subjetividades quando se atrela a práticas pedagógicas que respeitam as individualidades do sujeito e promovem reflexões críticas que possibilitam que o sujeito com sofrimento psíquico possa ser ativo em seu processo de desenvolvimento cognitivo. Finalizamos este trabalho com essa citação do livro mencionado livro, *Lembre-se de nós*

[...] Ernesto se torna invisível aos olhos da sociedade, familiares e amigos. Ele agora é apenas um ornamento às avessas que se coloca em frente às casas comerciais da cidade, no constante abaixar e levantar, mesmo com sua aparência, odor e principalmente as suas atitudes no ir e vir, como um bambu em meio ao vendaval, que o verga, mas não o quebra, torna-se um ninguém (2017, p. 98).

“Para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça”. *Lembre-se de nós. Lembrem-se de todos. Lembre-se de tudo.* Barbacena nunca mais!

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: poder soberano e a vida nua I.** 2. ed. Belo Horizonte: Ufmg, 2007. 207 p.

AZEVEDO, Dulcian M. MIRANDA, Francisco AN. **Oficinas terapêuticas como instrumento de reabilitação psicossocial: percepção de familiares.** Esc Anna Nery, n; 15, p.339-345, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ean/v15n2/v15n2a17.pdf>

BAHIA. Centro de Atendimento Psicossocial. Secretária Municipal de Saúde (org.). **Lembrem-se de nós.** Poções: Tribal, 2017. 165 p.

BARRETO, Cristiane TS, et al. **A atuação do Pedagogo no Centro de Apoio Psicossocial.** Educon, Aracaju, Volume 10, n. 01, p.1-8, set/2016.

BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido: reflexões errantes sobre o pensamento do ponto de vista estético e não científico.** 2. ed. Rio de Janeiro: Garamond Ltda, 2008. 256 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil.** Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília, novembro de 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 129 p.

GERHADT, Tatiana E. SILVEIRA, Denise T. **Métodos de pesquisa.** Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS– Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

OLIVEIRA, Maria E. STOLZ, Tânia. **Teatro na escola: considerações a partir de Vygotsky.** Educar, n. 36, p. 77-93, Editora UFPR. Curitiba, 2010.

RIBEIRO, Lorena Araújo, et al. **As oficinas terapêuticas nos centros de atenção psicossocial.** Revista Mineira de enfermagem. Nº 12. 2008. Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/296>>. Acesso em Abril de 2021.

SANTOS, Patrícia Novais dos; SANTOS, Marilde Chave dos. **O Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) como alternativa de atuação do pedagogo: relato de uma experiência.**

Educere. XII Congresso Nacional de Educação. 2017. Disponível em
<https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24710_11958.pdf>. Acesso em Abril de 2021.

SILVA, Diego. O papel das oficinas terapêuticas nos Centros de Atenção Psicossocial atualmente: uma revisão bibliográfica. Educere. XII Congresso Nacional da educação, 2015. Disponível em <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16075_7231.pdf> Acesso em Abril de 2021.

SILVA, Júlia Grasiela Santos da; GOIS, Adriano Lucena. **O trabalho do pedagogo na saúde mental:** apontamentos para uma pedagogia não escolar. IX Encontro de Pesquisa em Educação de Alagoas (EPEAL). 2019. Disponível em:
<https://doity.com.br/media/doity/submissoes/artig-segundo_arquivo.pdf>. Acesso em Abril de 2021.

SOBRE AS AUTORAS

Gérsica Santos Cunha

Estudante do curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Participante do Grupo de Estudos em Cultura, Linguagem e Trabalho (GECULT). E-mail: gersica.cunha@hotmail.com

Larissa Macieis de Jesus

Estudante do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: laryssagj123@gmail.com

Luana Oliveira Santos

Estudante do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) Campus de Vitória da Conquista – BA. E-mail: oliveiraluanna020@gmail.com.

Brenda Luara dos Santos de Souza

Mestra em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Professora no Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da mesma universidade (DFCH/UESB) e Psicóloga (CRP03-12716); Coordenadora do Grupo de Estudos em Cultura, Linguagem e Trabalho (GECULT). E-mail: brendaluara.academico@gmail.com.